



MUITO
ALÉM
DO AGORA

Crônicas e reflexões

José Francisco Comenalli Marques Júnior

MUITO ALÉM DO AGORA

Crônicas
e reflexões

José Francisco Comenalli Marques Júnior

COPYRIGHT © 2020 José Francisco C. Marques Jr.

O texto deste livro foi fixado conforme acordo ortográfico vigente no Brasil desde 1º de janeiro de 2009.

Coordenação editorial: Madson de Moraes

Revisão: Danilo Gonçalves

Capa: Getty Images

Projeto gráfico e diagramação: Leonardo Fial

Apoio e realização: Associação Brasileira de Hematologia, Hemoterapia e Terapia Celular (ABHH)

1ª edição - 2020

RS Press

Rua Cayowaá, 228
05018-000, São Paulo, SP

Tel: (11) 3875-6296

www.rspress.com.br

Sobre o autor



José Francisco Comenalli Marques Júnior

Nasci em dezembro de 1959. Minha cidade natal é Amparo, em São Paulo, mas vivi desde pequeno em Piracicaba, onde fiz o ginásio, colégio e cursinho preparatório. Lá, tive meu primeiro emprego como sonoplasta da Rádio Educadora por quase dois anos. Passei em Medicina na UNESP de Botucatu, onde me formei em 1984 e lá fiz residência de Hematologia e Hemoterapia até 1987. Voltei a Piracicaba e trabalhei no Hospital dos Plantadores de Cana, na Santa Casa de Misericórdia e tive consultório, mas por pouco tempo. Entrei como médico do Hemocentro da UNICAMP em março de 1988 onde fiz mestrado, doutorado e especialização, atuando também em consultório privado e em hospitais da cidade. Aposentei-me da UNICAMP em fevereiro de 2020. Hoje sou médico hematologista, marido, pai de duas filhas e um filho, aspirante a contrabaixista e gosto de questionar as pessoas com minhas reflexões escritas, sempre buscando respostas ou explicações! E, vivendo, muito além do agora!

Aos meus pais, José Francisco e Cláucia, para a minha esposa, Sílvia, a aos meus filhos Nicole, Letícia e Gustavo. Aos necessários e importantes amigos, novos e antigos. Aos que me questionam e me criticam. Aos que me fizeram e me fazem crescer. Obrigado!

Prefácio

Se você ama a vida, vai amar essa obra. As crônicas e reflexões do Dr. Marques parecem quadros produzidos pelos mais conceituados impressionistas. Instigam a imaginação e oferecem olhares diferenciados e únicos sobre temas cotidianos. Seja você leitor, leigo ou profissional da área da saúde irá se deliciar com as narrativas de alguém que, estando em pontos privilegiados, consegue estimular a prática do ceticismo, do contraditório e, na maioria das vezes, da polêmica. Até porque o ponto de vista sempre depende do ponto.

Dr. Marques parece estar sempre no ponto estratégico no qual os fatos se desenrolam.

Quem se acostuma, por dever de ofício com a complexa literatura médica, nem sempre tem talento, tempo e paciência para escrever para os chamados mortais comuns. Mas o autor, com brilhante carreira na UNICAMP e ainda na ativa, foi além. Inspirando-me em uma famosa frase de Oswald de Andrade (1890-1954), atrevo-me a dizer que o Dr. Marques “oferece à massa o fino biscoito de sua fábrica”.

Em uma de suas reflexões ele indaga, com fina ironia, uma de suas características: “Gostam do que eu sou ou do que eu faço?”. A seguir, na crônica “As diferentes versões dos fatos”, ele se revela um discípulo da filosofia grega ao escrever: “O que seria de Sócrates sem Platão? Quantos Sócrates sem Platão foram desperdiçados?” Ele também aborda o cenário político brasileiro: “Tenho pena do nosso Brasil. Que já não tem nada de nosso. Tem o deles e o do contra eles. Que pena”. Em “Vivendo o momento”, Dr. Marques faz uma análise mais extensa: “Infelizmente estamos em um momento histórico no seu pior sentido. O impacto, individual e coletivo, é incomensurável. E teremos sequelas. Não dá para não ter. Nascerão heróis. Nascerão vilões. Perpetuarão heróis. Apagarão vilões. Talvez essa seja a pior sequela.”

Conheci o renomado Dr. Marques, já como Diretor da ABHH, sempre atencioso com os jornalistas, amigo de todo mundo, defensor dos direitos dos pacientes e um ótimo contador de histórias como

você verá nessa obra. Uma de suas histórias, não contada aqui, posso revelar: ele foi um requisitado disk jockey, como eram chamados os locutores de programas de variedades no rádio. Isso em Piracicaba, onde seu pai também marcou época como professor de matemática. Fui aluno dele. Era o único professor que conseguia animar os alunos para estudar a ciência dos números.

Essa é uma obra para ler de uma tacada só tal o interesse que desperta. Já no final, o Dr. Marques vai fazer uma autoanálise que você provavelmente já fez ou fará um dia: “Como um hematologista de 60 anos se vê e se sente? Auto confissão? Desabafo? Exemplo? Sei lá! Cada um tem a sua história. Essa é a minha”. Uma feliz leitura!

Roberto de Souza

Jornalista e presidente da RS Press



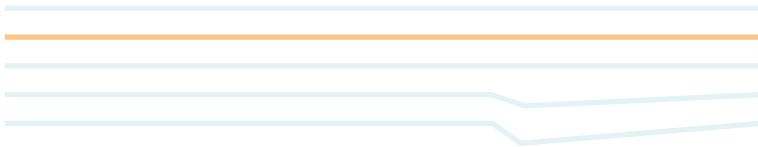
Ouça aqui um podcast com o autor contando um pouco do processo de criação do livro.



Crônicas



Nossas Mulheres



Nossas mulheres... Intersecções perfeitas entre o acidente e a arte. Correspondências bilaterais das paisagens avantes, levantes e retirantes. Merecedoras da mais sublime autoestima. Nossas mulheres. Nossas inspirações. Nossas razões e impulso para nossas evoluções. Se somos bons são merecedoras de nós. Será que dedicamos todo o possível para merecimento delas? Às vezes acho que o tudo é pouco... Reconhecimento. Resultado da inspiração do feminino. Que tenhamos em nós, homens, a feminilidade para sermos cada vez melhores. Elas me ensinam a todo momento o caminho da evolução. Abração a todas! E a todos que não dispensam a sensibilidade em suas vidas...

O empenho,
a vontade
e o esforço
estão entre
a promessa e
o resultado.

Morte



Existe uma grande diferença na classificação entre fácil e difícil e simples e complexo. Um bom exemplo é a morte. Simples ao máximo. Todos vamos vivê-la. Mas difícil ao extremo. Por não a aceitarmos? Por não a vivenciarmos no sentido óbvio? Por não participarmos vivos do nosso próprio velório? Pode ser. Mas há algo mais importante. Como a administramos em nossas vidas? Como a compreendemos? Como investimos em seu adiamento ou suas “conquistas”? Como a aproveitamos em benefício próprio e daqueles que amamos? Ou nos protegemos por meio dela? Quanto mais vivo mais sinto necessidade de aprender...

Se espremermos
passado X futuro
o presente não existe.
Sonho realizado: e daí?
Casinha vazia...
Cãozinho falecido!
Meus inimigos estão
no mundo ideal?



Belezas

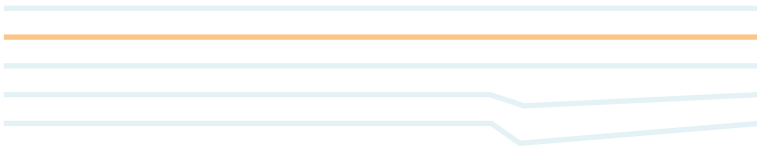
Sinto que jovens e velhos têm belezas diferentes. Perante o mundo e a nós mesmos. A beleza accidental contrastando com a incidental. Jovem tem uma beleza pronta, plástica, métrica. Mas não só. Cativam por meio da energia e do movimento. Velhos? Beleza construída, lapidada, amadurecida, resultado da responsabilidade da conservação. Da calma, da serenidade e do intelecto. E a intersecção? A mixagem da perda métrica, energética, plástica e da construção do conservado? Ambos viris. Cada fase da sua maneira e com seus encantos. Como é bom viver cada fase dentro dela e poder assisti-las, de dentro de uma, a paisagem da outra... Pena que só percebemos isso em nossa fase mais madura. Já imaginaram conseguir ver o nosso futuro de dentro da nossa juventude? Ops! Acho que é possível. Ainda somos jovens e nosso intelecto permite este desafio. Boa viagem em nós mesmos...

Enquanto escrevo,
penso e falo,
nessa sequência,
ainda tenho razão
para viver.

Ainda...



Infância



Hoje acordei com saudades da minha infância. Aí veio a questão: hoje damos mais risadas ou somos mais felizes? Somos da época na qual as boas piadas geralmente eram politicamente incorretas. Um dos meus maiores ídolos do humor é o Mussum. Ria da própria condição. Fazia apologia ao “mé”, ao alcoolismo, mas não conheço ninguém que virou alcoólatra por isso. A história nos mostra essa tendência. Agildo Ribeiro assediava abertamente a Bruna Lombardi. Paulo Silvino chicoteava homossexuais. Os árabes são especialistas em fazer piadas de si próprios. Uma espécie de autobullying com o simples objetivo de espalhar a alegria. Na Itália, temos o exemplo

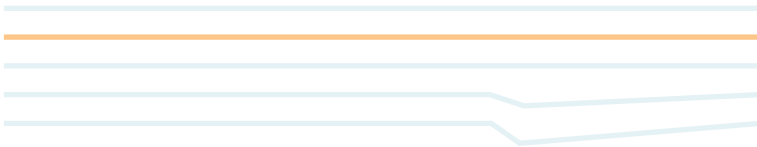
dos “Tre Amici”, com um humor nada politicamente correto entre eles.

Hoje podemos rir mais. Mas do que se tudo é proibido ao elencar o preconceito? Estamos evoluindo ou involuindo? Claro que houve erros em nome do humor. A Lei de Gérson é um exemplo disso, mas me pareceu muito mais como estratégia predatória de marketing do que de um humor propriamente dito. Minha opção é a de manter meu lado infantil, apanhando quando precisa e aprontando quando tenho oportunidade, mas, mais que tudo, continuando crescendo e aprendendo. O nirvana do ser adulto permitiria algum aprendizado ou correção? Invertendo as palavras, hoje somos mais felizes ou simplesmente damos mais risadas?

Filhos: eles vão
exigir do mundo
o que exigem de nós!
Só que o mundo não
os dará o que damos.



Limites no horizonte



Quando olhei a foto que tirei do horizonte à beira de uma piscina de borda infinita no vigésimo andar de um hotel em Cartagena, no qual os planos estratificavam meus pés com a superfície da piscina se juntando com a do mar em continuidade ao céu, me pus a pensar em nossos limites e ilimites. Em primeiro plano, o limite do meu corpo. Ou de mim mesmo. Limitado pelas oportunidades que surgiram, pelos medos que me reprimiram, pela coragem e dedicação que me empurraram, pela resignação que, às vezes, me impulsionaram e às vezes me estagnaram. Mas é um limite preciso e real apesar de nem sempre perceptível em sua dimensão.

O segundo é a borda “infinita” da piscina do hotel. O limite do humano. Esse, sim, mais complexo e múltiplo. Até aonde podemos ir como humanidade, como força, como arte, como ciência e compreensão do Universo, como construção social e física... Até onde o limite bloqueia o próprio limite... E o terceiro plano? “Confundindo” com o limite da piscina está o mar. O horizonte “infinito” da borda “infinita” da piscina confundido com o oceano finito em algum longínquo lugar. Limite de Deus ou o Deus ilimitado? Uma sensata proporção inexata dessas três dimensões! Até onde conseguimos enxergar? Até o limite da realidade? Ou limitados pelo irreal? Ou pela limitação da nossa consciência em conseguir enxergar ou perceber sem ver? Por último, o céu... Desisto! Acho que vou tomar uma cerveja.

O dia em que senti inveja de quem eu sempre achava que era inferior a mim foi quando eu comecei a crescer.

Ninho vazio e os amigos



Domingo... Dia pleno, casa cheia, muitas despedidas e noite de domingo em uma casa enorme. Só eu e Sílvia, minha esposa. Ah, Dunga e Frida também, meus mascotes. É a chamada síndrome do ninho vazio... Difícil de explicar, mas fácil de entender por quem vive ou já viveu. A dimensão do sentimento é a mesma da intensidade da dor ou do prazer. Difícil diferenciar um do outro. A convivência diuturna com essas emoções e lembranças nos faz reviver momentos e os sentir novamente no presente. Minha mãe na UTI... Meu ninho vazio como os dos amigos que compartilham da mesma situação. A volta do corpo do pai que deixou a filha no exterior, pois o coração ficou lá. A saudade da

filha longe... A lembrança do pai falecido... Tudo isso nos faz viver. E viver intensamente. Cada palavra pode, na hora certa, traduzir um pensamento ou um sentimento como lembrado pela definição de “sabedoria”. Essa convivência nos permite manter o passado presente nos encharcando de saudade e vida. Não estou só. Estamos juntos. Vivendo juntos. Sentindo juntos. Chorando e rindo... Juntos! Emocionando e emocionados...

Uma visão diferente de amigos.
Se perdem, se dissipam...
A diferença entre desculpa e
perdão: o que eu faço faz parte
do que eu sou. Por que se
incomodar? Mas... Gostam do
que eu sou ou do que eu faço?
Apelemos, quando o ego se
faz maior que a ética, a um
silêncio ensurdecedor.



O futuro já chegou

Amigos, lembro que estamos na faixa dos 60 anos. Não dá para adiar mais nada. Reflitam... Nosso futuro já chegou! Nossa cesta de jabuticabas está no fim. Temos que saboreá-las. E aproveitá-las ao máximo. Até quando? Será que estaremos? E em boas condições? Para! As coisas têm de ser para agora! Nunca em nossas vidas o impulso teve tanto sentido! Façamos o que gostamos. Adiamos o que não gostamos ou não queremos. A vida é agora e não sabemos o seu fim. Nem como, nem quando. O arrependimento é o sentimento mais sem sentido que existe. Principalmente quando não temos o tempo de nos corrigir. Não quero mais me corrigir. Quero não mais errar e ter que voltar, pois talvez não tenha mais tempo! Tempo... Castigo implacável. Impiedoso. Cruel. Mas necessário. Não sou poeta. Como disse a alguns, escrevo, envio e depois leio. Entrego essa reflexão a vocês. Aqui e agora. Já. Vamos?

Tempus Fugit **versus**
Carpe Diem!
Tempus Fugit **e**
Carpe Diem!
Tempus Fugit **mais**
Carpe Diem?
Efêmero com o infinito
do momento!

Individualidade



Segundo Descartes, cada um vê o mundo de um jeito. O mundo não é qualitativo, isto é, sim e não, positivo ou negativo. O mundo é quantitativo. O efeito diluição é o que imprime suas características. Com o sal, magnésio ou cianeto. O bom pode ser veneno e vice-versa. A quantidade variada de números entre 1 e 2 é igual entre 1 e 1000. Assim é com as cores, com os conceitos, com as opiniões e com as razões que nos fazem viver. Pluralidade infinita. Só lembrando: o meu verde pode ser o seu rosa. Certamente vemos diferente o igual. Somos infinitos em nossas concepções, percepções e desejos. Talvez tenhamos todos um grau de daltonismo. Também quantitativo no qual o normal (ou o comum, o frequente) se confunde em suas diferenças. Subjetividade... É o mundo como uma representação. Enfim... Anti-reducionismo? Não... Expansionismo!

O tripé que me sustenta:
disponibilidade, dedicação e
criatividade. Não sou cientista,
acadêmico nem político.

Auto análise: como um
hematologista de 60 anos se
vê e se sente? Auto confissão?

Desabafo? Exemplo? Sei lá!
Cada um tem a sua história.

Essa é a minha.

Morte de um amigo de 56 anos

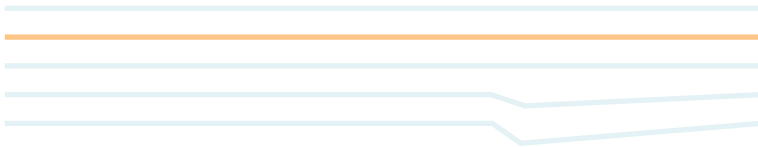


Angustiado! Despedaçado! Arrasado! Triste! Melancólico! Nostálgico! Vivo por enquanto! Caminhando para um destino comum! Todos nós! Nós morremos para os outros em quem permanecemos vivos! Zé Henrique foi, mas continua dentro de nós! E levou um pouco de nós dentro dele! Somos menos. Um pouco menos. Cada vez menos, pois, cada um que vai, leva uma parte nossa! Somos incompletos! Dependemos da interação interpessoal. É aí que crescemos, damos, recebemos, ampliamos e contemos. Que minha parte levada pelo Zé Henrique esteja bem viva e guardada aonde for! A parte que recebi dele continua viva. Bom dia, queridos e queridas. Na medida do possível...

Hoje fui ao cemitério.
Pai e mãe, cada um
em sua família.
Hoje não fui ao cemitério.
Só imaginei estar lá.



Fatos e suposições



E se não forem fatos? E se forem suposições? E se colocarmos em prática as suposições e elas não se transformarem em fatos? Um colega da XVII turma de Medicina de Botucatu me disse um dia: Deus não joga dados! E eu disse: mas o ser humano, sim! E acredita nelas! Todos vamos morrer! Para quem? Eis a questão! A fé não costuma falhar! A contemporânea rejeição científica do romantismo é acompanhada pela exuberância do fervor visionário que alimenta e explica os inegáveis excessos evangélicos! Heidegger ou Derrida? Causa ou consequência? Deus criou o homem ou o homem criou Deus?

Preciso dizer coisas para baixar a pressão! E não é que baixa mesmo? Creio que o cerne da questão

esteja aí. O quão limitados somos para esse entendimento! Reconheço minha limitação! Quanto mais luto para entender cada vez mais o horizonte do entendimento se distancia! Como gostaria de ser menos limitado! Estou começando a entender minha “auto-psico-imunidade”! É como a tempestade de citocinas que nos torna mais perigosos para nós do que o próprio vírus! É... Acho que estou voando muito alto e vendo muito do nada! Sorry! Às vezes surto! Mas o ceticismo não pode destruir a esperança.

Dicotomias:
autoestima/autocrítica,
autoconfiança/temor,
impaciência/eficiência,
humildade/timidez, caridade/
idiotice, possibilidade/
probabilidade...

Queria ser um pardal



Queria ser um pardal. Nesta ou na outra geração! Acho que dá até tempo de ser nesta! Quem nota um pardal? Mas ele vive intensamente! Aproveitando tudo que a natureza lhe oferece! Não é incomodado por colecionadores! Não é visto como objeto de desejo! Ninguém quer prendê-lo. Falta de interesse? Absolutamente não! Falta de valor? Novamente não! Simplesmente não desperta cobiça. Trabalha e vive quietinho. Sem incomodar. E não sendo incomodado. Um pardal, apesar de ser eschachado por alguns ambientalistas por ter sido colocado no Brasil de maneira sorrateira e inconsequente, tem muito valor. Povoamos nossos bosques, nossas cidades, nossos rincões, sem serem percebidos pela maioria

dos homens e dos animais. Já foram mortos por estilingues! Já foram apedrejados! E estão aí. Em todo canto. Voando. Vivendo. Polinizando. E não incomodando nem despertando cobiças! Devíamos ser governados por pardais! Que belo exemplo de resiliência, resistência e sobrevivência! Administradores da natureza. Queria ser um pardal? Não! QUERO ser um pardal.

Muitos me definem como não
sendo bélico. Mas acho que sou.
Pelo menos às vezes.
E se for? E se for reativo?
E se for combativo?
E se eu for afirmativo?
Acho que só vou continuar
feliz se for eu mesmo.
E por que não ser? Peco se não
for? E se for peço também?
Acho que tenho que me ouvir
antes de ouvir alguém.

Mais médicos



Estava no Hotel Carlton, em Brasília. Lá e no aeroporto presenciei a partida dos médicos cubanos de volta para Cuba. Misto de tristeza e desalento. Semblante de pessoas simples, exprimindo bondade e compaixão, com uma pitada de revolta. Ou por terem que voltar ou por deixar o Brasil e o ofício do cuidado. Conversei com alguns. Unânime é a vontade de ficar e o medo de voltar. Ou de não voltar. Conclui que situações criadas sem critérios são inconsequentes. Geram sofrimento. A perda da esperança é mais triste que não a ter. O respeito e a amizade não foram considerados nesse programa macro. O conjunto dos micros não formam o conceito do macro. São divergentes e antagônicos. Infelizmente. E mais uma vez...

Será muito bom quando dissermos só para nós - diante de um espelho ou de um microfone direto para nosso fone de ouvido ou ainda no reflexo da água parada em um lugar que estamos a sós conosco - que a nossa dose de vida já foi o suficiente.

Eleições 2018



Não escondo minha angústia. Não estamos votando no que queremos, mas no que não queremos. No menos ruim. Estamos em um país desunido, confrontante e múltiplo no pior da sua definição. Um país indefinido e sem uma identidade que o caracterize. Nenhum dos dois será bom para todos. Só para alguns. Voto hoje no contra, não no que quero. No outro, não no meu. A vida é finita e, em nossa idade, tudo fica em um horizonte mais restrito. Quatro anos para nós é infinitamente maior que quatro anos para um adolescente. Nosso futuro não permite mais a diluição do tempo. Tenho pena de nós. Tenho pena do nosso Brasil. Que já não tem nada de nosso. Tem o deles e o do contra eles. Que pena...

A perda da esperança é
mais triste que não a ter.

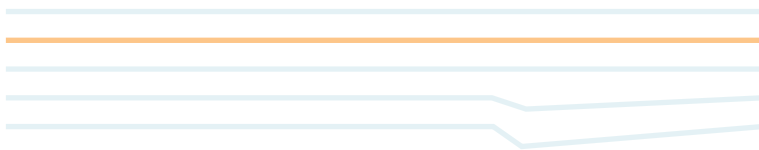
País dividido



Nosso país está dividido. Dividido em quantas partes? Quantos partidos? Quantas tribos? Quantos interesses? O otimista é um desinformado. O pessimista sofre uma vez só. Prefiro o analisar e sofrer aos poucos na esperança de um país melhor. Não temos mais condições de diluir o tempo. Ele está muito concentrado. Cada vez mais... Devo impor a condição de respeito! Virou ditadura? Paro de pagar? Condeno à realidade? Se existisse a realidade seria efetivo. Mas não existe. Só o dogma... Estou de saco cheio disso!

O arrependimento
é o sentimento mais
sem sentido que existe.
Principalmente quando
não temos o tempo
de nos corrigir.

Fechando ciclo



E assim se foram 32 anos! Em março de 1988, estava eu aprovado no concurso de médico contratado para exercer minhas funções no Hemocentro da UNICAMP. Daqui a alguns dias me adaptarei a uma outra rotina. Entrei com esperança, ambição, curiosidade, sonhos, projetos, planejamentos, desafios, incertezas, certezas, dúvidas e disposição. Prestes a sair, continuo com esses mesmos sentimentos. Coisas mudaram? Certamente! Melhoraram? Certamente! Pioraram? Certamente! Mas a continuidade nessa linha do tempo permanece ilimitada em sua finitude. Dentro do infinito, igual em tamanho, mas que permeia intervalos de diferentes grandezas, posso resumir

a vida dentro do meu in e out na UNICAMP como uma fase completa que se auto perpetua nos meus conceitos de conquista e amadurecimento. Saio como? Melhor com certeza. Pior? Depende... Depende do ponto de referência e dos resultados mediatos e imediatos. Um pouco menos de ignorância, o que amplifica a ansiedade do não saber ou do não entender.

Entreí com pai e mãe vivos e presentes, torcendo por mim, no mundo das criaturas. Saio com eles presentes dentro de mim e habitando o mundo do Criador. Entreí com liberdade de escolhas, de vida indefinida, de sonhos em construção e saio com família constituída, filhos encaminhados, companheirismo e cumplicidade conjugal, sonhos realizados (muitos) e a realizar (muitos).

Entreí conhecendo somente parte do meu país sem nunca ter saído dele. Saio com experiência de mundo, de culturas, de línguas, de adaptações, de consciência das características peculiares de povos, regimes, ética, política, economia, afetividade, respeito, dolarizações, senso comum e senso individual.

Entreí como médico já especialista e saio com mestrado, doutorado, especialista em gestão em serviços de saúde etc., porém com mais ignorância à frente do meu horizonte. Entreí sabendo mais indicar remédios, procedimentos e intervenções. Saio sabendo mais contraindicar, observar e contemplar desfechos antes de mudá-los precocemente.

Entreí aprendendo e errando. Saio errando e aprendendo. Entreí sem dinheiro e não me preocupando em gastá-lo. Saio com dinheiro (pouco),

mas preocupado em guardá-lo. Garantir a farmácia e a autonomia.

Entrei certo do que sabia. Saio com certeza do que ainda não sei. Certo também que não conseguirei saber quase nada do que gostaria (ou precisaria). Certo das minhas limitações cuja consciência vejo para a tendência do constante e contínuo aumento.

Entrei feliz... E saio feliz!

Só há sentido em fechar um ciclo quando se abre outro. Por isso se chama ciclo, círculo. O contínuo que chega ao mesmo ponto de novo, de novo e de novo. Mas a vida não é um círculo. É uma espiral! O mesmo ponto ilusório em duas dimensões se torna real em uma espiral tridimensional. Esses nossos pontos de partida são diferentes, pois trazemos bagagem, maturidade, sensibilidade, distinção, prerrogativas... Até traumas e arrependimentos!

E agora? Aumentarei alguns dias do meu consultório e minha assistência hospitalar. Me dedicarei mais à vida associativa. Aumentarei minhas aulas de música. Viajarei mais, descansarei mais, cansarei mais. Como cheguei até aqui? Como chegarei até lá? Aonde? Incrível: as dúvidas são as mesmas como se fossem um círculo. Ainda bem que são espirais...

Quanto mais luto
para entender
cada vez mais o horizonte
do entendimento
ele se distancia!
Como gostaria de
ser menos limitado!

Discurso de bodas de prata



Quando vocês me convidaram para essa tarefa fiquei muito feliz. Feliz por se tratar de vocês! Assumi com responsabilidade e seriedade esse compromisso para o estranhamento dos que me conhecem como brincalhão e irreverente. Mas esse é um momento de reverência. Um momento de profundo respeito, carinho e admiração. E isso é o que não nos falta na convivência com esse casal maravilhoso, distante no espaço, mas grudado no coração!

Vocês são um casal abençoado! O que isso quer dizer? Abençoado quer dizer afortunado. Que possui muita sorte, fértil, em que há fartura, fertilidade. Que, por possuir o necessário, ocasiona bons resultados.abençoar significa conceder poder a alguém

para alcançar prosperidade, longevidade, fecundidade, obter sucesso e muitos frutos. Há muito mais do que um simples desejo quando dizemos “Deus te Abençoe”. Significa dizer que “Deus te conceda poder e autoridade para que você seja bem sucedido, próspero, fecundo, fértil e que se multiplique esses dons que Deus compartilha conosco.”

É nesse sentido que podemos afirmar que vocês são um casal abençoado! Cativantes no modo simples de ser e de estar. Cativaram o mundo colocando nele dois filhos maravilhosos e amados por todos nós. Sempre com um sorriso estampado nos rostos, demonstram alegria em nos ver, em nos abraçar, em nos fazer rir e rir de nós! Chorar também. Por que não?

Vocês entraram nessa fase cheios de sonhos, esperanças, projetos... Realizaram. Estão realizando... Continuam sonhando... Continuam projetando... Em toda essa jornada, tivemos o privilégio de acompanhá-los, torcer, vibrar, rir e chorar. Ver partir pessoas queridas do mundo das criaturas para o mundo do Criador. Pessoas que, garanto, continuam torcendo por vocês. Por nós. Onde estiverem.

Por isso, meus queridos, é de todo coração que desejo repetirmos essa comemoração daqui a 25 anos. Aqui ou em outro lugar. Termino com algo mais do que “Deus vos abençoe”. Termino dizendo que “Deus continue vos abençoando e nos abençoando” por termos vocês dentro dos nossos corações.

É mergulhando em nosso interior que poderemos traduzir e entender esse paradoxo entre o viver por viver ou viver para viver.

As diversas versões dos fatos



Para entender Sócrates temos de ler Platão. Sócrates não escreveu nada. Mas teve alguém para o ouvir. E o interpretar. Só que eticamente! Seria essa a razão da credibilidade? Ou do convencimento? Ou do conhecimento? Tudo pode ser interpretado... Só que exige um ponto de partida. Uma referência. Um início. E se o início existe há de existir um fim. Ou uma finalidade. Ou uma finitude! E, o que dá o sentido, por incrível que pareça, não é o início e muito menos o fim. Caímos novamente na interpretação! O que seria de Sócrates sem Platão? Quantos Sócrates sem Platão foram desperdiçados? Quem têm valor superior? Se completam? Aí mora o racional! Minha esposa está em aula e, agora à noite, eu fiquei sozinho tentando me interpretar. Ou ser interpretado! Estou socratizando ou platonizando? Mais para auto-socratizando! Invertendo a espiral...

Até quando
choraremos a morte
em vez de celebrarmos
o descanso?

Dose de vida



Tudo depende de uma dose que se equilibra entre o insuficiente e o excesso. Nada foge a essa regra. E, entre esse tudo e nada, também se encontra nossa vida. Mas conseguimos perceber esse conceito? Às vezes? Sempre? Ou nunca?

Acredito que, em termos de dose, a vida deve ser refletida nas profundezas da nossa própria intimidade. De nós para nós mesmos. É mergulhando em nosso interior que poderemos traduzir e entendermos esse paradoxo entre o viver por viver ou viver para viver. Será muito bom quando dissermos só para nós – diante de um espelho ou de um microfone direto para nosso fone de ouvido ou, ainda, no reflexo da água parada em um lugar onde estamos

a sós conosco – que a nossa dose de vida já foi o suficiente. É aí que poderemos nos dar por completo. O que depois disso? Tudo. Mas sem a obrigação do excesso! Sem o compromisso de cumprir etapas, mas de usufruir as etapas cumpridas! É viver o que nos resta de maneira despreocupada com o que se tem de fazer. Ou de produzir, usufruir da produção.

Em outras palavras: tirar as metas! Quando a meta foi atingida e estamos satisfeitos com ela e a sensação do dever cumprido, temos que olhar para ela, respirar fundo, voltar para nós e dizer: você conseguiu! Eu consegui! Está aí a dose de vida. Sem insuficiência e sem excesso. A partir daí ficamos mais livres para fazer o que desejar, o que der prazer, quando e como quisermos, pois não temos mais o compromisso com a meta. Estamos prontos para morrer? Sim, até certo ponto, mas não preocupados com isso. É que simplesmente, quando a morte chegar, já vivemos o suficiente e não o excessivo. Soubemos dosar a nossa vida. É o nosso outono! Aos 60 anos me vejo assim! Vejo também pessoas mais novas que conseguiram essa plenitude precocemente. Também vejo anciãos que ainda não perceberam e continuam, aos 80, 90 e além ainda perseguindo suas metas. Que pena! Vão perder o outono esperando por um verão que não virá! Quero morrer em pleno verão! Sem perceber que o outono passou.

Síndrome da eficiência:
a natureza é o exemplo de
eficácia sem eficiência.
E apologia ao desperdício.
Mas se viabilizou e evoluiu!
A eficiência, muitas vezes
necessária, pode ser uma
doença escravizante!
Por que não, às vezes,
pagar muito por um
pouco de felicidade?
Precisamos nos permitir!



Tempo

Hoje eu tenho tempo! Quanto busquei por isso... Continuo o vendendo! Vinte minutos dura a consulta, variando para mais ou menos conforme a necessidade dos pacientes. Sem nenhuma rigidez. Mas é o que eu tenho para vender e me sustentar. Além, claro, do pouco que consegui aprender com professores, com a vida e com meus questionamentos! Aprendi comprando, e caro, meu tempo. E o vendo para comprar outras coisas. Menos o tempo que não se compra. Se vive! Mas se vende! Nunca ficarei sem vender meu tempo. Nunca perderei meu tempo. Nunca desperdiçarei meu tempo. Tempo é vida. Tempo é dinheiro. Tempo é investimento. Temos que saber o que fazer com o tempo. Não aprendi ainda. Mas não é tarde. Tenho tempo. Ainda. Mais uma vez, mando sem ler novamente o que escrevi. Para não contaminar com o superego o que saiu naturalmente. De dentro para dentro de vocês!

Não sei o que é mais cruel:
nos perdoar ou não termos o
perdão necessário de alguém
que podemos nos culpar por
omissão, ato ou negligência!
Na melhor das atitudes,
peço perdão.

O mundo está me matando



Não porque eu queira me matar. Mas matando! Matando por vários motivos. Porque não sou o que ele queria que eu fosse! Porque não sou o que deveria ser! Porque sou eu e não ele! Porque continuo sendo eu! Errado para ele, mas achando que certo para mim. Mas o que realmente importa? Estar certo comigo mesmo ou estar moldado a estar certo por ele? Mas... O que é certo? Seguir o meu caminho para ser feliz mesmo que não o seja, mas arcando com as consequências das minhas escolhas? Ou me arrepender por seguir escolhas que não são minhas? Que dilema! Mas e a culpa? Meu Deus... A culpa! Ser o próprio culpado por não ser feliz é uma coisa, uma intensidade, uma conse-

quência que só remete a mim mesmo sem repercussões na vida das outras pessoas. E a culpa pela infelicidade de alguém? Isso dói mais. Mesmo não sendo uma culpa objetiva. Sem ter consciência ou convicção dessa culpa! Quando se sente a culpa sem entendê-la ela se amplifica. E ficamos sem saber a sua dimensão.

Catastrófica? “Fantasiástica”? Imaginária? Real? Não importa. Dói da mesma forma. E dói mais na sua cronificação quando não se resolve e se pereniza. Mas por que sentir isso? Ou lembrar disso? Ou continuar lembrando disso? Triste, mas nem tanto. Pior seria a consciência pesando pela culpa consciente! Aí seria punição. Condenação. Autocondenação. Autoflagelação! Mas a consciência nos cobra. Cobra pela culpa. Nossa culpa. Minha culpa. Mesmo não tendo consciência de que realmente é minha. Ou que sou a causa. Mas dói! Como toda sensação desconfortável, tudo se transforma em dor. O quente, o frio, o agudo, o grave, o intenso, o ácido e o azedo. Tudo se transforma em dor. O mais primitivo do sofrimento. Sem definição. Sem sentido. Sem solução. Só pensamos em nos livrar dela. Da dor. Que aumenta a culpa. Aumenta o sofrimento. Para sentir menos dor? Até quando? Até a culpa passar?

Só passa com o perdão. Que nem sempre depende de nós. Na maioria das vezes, dependemos do perdão de alguém que não somos nós. Não sei o que é mais cruel: nos perdoar ou não termos o perdão necessário de alguém que pode nos culpar por omissão, ato ou negligência! Na melhor

das atitudes, peço perdão. Primeiro para ele e, se conseguir, peço também para mim. Se conseguir também posso me sentir bem e tentar ser feliz. Continuar a ser feliz. Começar a ser feliz. Ser feliz de novo como era antes de saber tudo isso. Ou algo disso. Ou isso... Ou quando não sabia nada! Ah, não saber nada... Como é bom não saber nada! Sendo isso para ser algo melhor, sem culpa ou até com ela sem saber seu peso de ter que carregá-la. Ou, se for possível, poder suportá-la.

Nunca sonhei ser o primeiro!
Nem o único! Mas sempre
desejei ser o último!

Papa Francisco e Lula



Continuo admirando o Papa Francisco. Seguindo os preceitos do cristianismo. Perdoando ladrões. Redimindo pecadores sem distinção. Atitude nobre e divina! Nós, homens, devemos deixar para Deus a condenação de outro homem. Papa redimindo o pior dos ladrões é um grande exemplo para o exercício da nossa bondade e resiliência.

A perfeição é muito monótona!
E não é natural!
Como seria viver em
um mundo totalmente
compreensível, lógico,
coerente, justo e presumível?

Lições de santidade



Comecei e terminei a leitura do livro *Lições de Santidade*, do nosso grande amigo Basílio Beltrame, carinhosamente, o Brasinha. Foi uma maravilhosa surpresa! Um livro leve, mas muito denso que nos impulsiona a exercer a bondade. Bondade pura sem recompensas ou premiações. Um estímulo a ver o mundo e as pessoas de maneira pura e sem julgamentos. Um livro profundo pela seleção de informações transcritas de outras obras, porém mais valioso ainda pelas interpretações do autor em seu estilo próprio facilmente percebido pelos que tem o privilégio de conhecê-lo.

Com o poder de nos fazer refletir além das atribuições do cotidiano, o livro nos leva para a leveza

da simplicidade, fé e esperança. Algumas passagens me marcaram e me fizeram consolidar conceitos abstratos que, em nosso dia a dia, se distanciam da nossa percepção. Exemplos são muitos como: “A vida é tua embarcação, não tua morada”, “Ninguém é bom juiz em causa própria.” Outras frases nos remetem a uma profunda reflexão filosófica como “Teresa desaparecera como a gota de água que se perde no seio do oceano. Primeira comunhão de Santa Teresinha. Ela = gota. Deus oceano. Fusão.”

Ele direciona nosso comportamento quando escreve que “Estar vivo é fazer escolhas a todo momento. Porém ou elas valorizam o ego ou a santidade” e ainda “Não condenar é dizer: meu irmão, escolhe outra vez”. Delicadamente ele nos aconselha quando diz: “Ao exercer erradamente o livre-arbítrio, concedendo a supremacia do ego sobre Deus, equivale a preferir estar certo do que ser feliz”. E nos leva à leveza do caminho da bondade ao citar que “A gratidão nos permite pensar em soluções, não nos problemas.”

As palavras do próprio Brasinha nos conduz a mergulhar em nosso íntimo para compreender a necessária evolução da humanidade: “A transformação do mundo passa por uma sociedade mais justa, mas começa pela reforma individual de cada ser humano bem antes da adoção de qualquer sistema ou ideologia política. E, à medida em que olhamos para a mudança do nosso irmão, é nos dado vê-la em nós mesmos.”

Remetendo ao cerne do livro, o autor atinge seu auge quando diz que “Todo milagre é uma lição

sobre a verdade e, por oferecer a verdade, estamos aprendendo a diferença entre dor e alegria”. Gostaria de sugar desse livro muito mais que a minha competência permitiu. Reconheço minha limitação para a abstração do sobrenatural e do impalpável. Preferiria ser menos cético, mas aí não seria eu! Ainda bem que o meu ceticismo é maleável e flexível. É o que me permite viver! Quero, de todo coração, te agradecer, Brasinha. Seu livro é simplesmente maravilhoso! Tanto na sua simplicidade como na complexidade que nos exercita a compreender o não habitual, mas extremamente necessário em nossas vidas. Guardo esse livro entre os melhores que já li.

Quarentena.
Quaresma.
Coincidência!
Coincidência?
A filosofia e a história!
Convergente?
Coincidentemente?
Coincidente?
Divergente!
Só o futuro para explicar.
Duas formas de repressão!
Estamos reprimidos.
Ou não?
E a criatividade?
E a crítica?
Não conta?
Na quarentena, sim!
Na quaresma, não!
Está aí a diferença...
Ou não.



Vivendo o momento

Parece ficção, mas não é. Parece ilusão, mas não é. Parece pesadelo, mas também não é. Se fosse, poderíamos acordar. Mas não podemos. Porque é real! O real dói muito mais, pois não oferece solução mágica. Infelizmente estamos em um momento histórico no seu pior sentido. O impacto, individual e coletivo, é incomensurável. E teremos sequelas. Não dá para não ter. Nascerão heróis. Nascerão vilões. Perpetuarão heróis. Apagarão vilões. Talvez essa seja a pior sequela. Heróis são inesquecíveis. Vilões ressurgem e ressuscitam, infelizmente. Como novidades prestes a agir novamente. É o ciclo da história. É a reciclagem. É o reciclado. Aquilo que se usa quando alguém desprezou e alguns perceberam sua utilidade. Ou reutilidade. E, assim, caminham os sobreviventes. Os viventes. Os heróis e os vilões. Que tenhamos o discernimento de dar o devido valor! Os positivos para replicarmos e os negativos para evitarmos. Ou prevenirmos. O que será possível? O que será viável? Só conseguiremos responder em agosto ou setembro ou na medida do possível.

Minha interpretação
simplificada da Covid-19:

Mortos = darwinismo.
Curados = perpetuação
da espécie.
Ainda não infectados =
vulneráveis.

O lado “bom” do coronavírus



Diz o ditado popular, quase sempre dotado de sabedoria sumária, que tudo tem seu lado bom. Estive pensando nisso em relação ao coronavírus. Vamos imaginar a expansão do “geriatrocídio” causado por esse inimigo mais seletivo com os velhos. E os velhos vão morrendo! Cada vez mais e mais cedo. A pirâmide populacional vai assumindo outra forma, deixando de ser a tendência de um triângulo se equilibrando, em seu vértice, para uma forma de pêra. A tendência seria um aumento gradativo da classe produtiva com a diminuição cirúrgica da classe dependente da... Previdência! É o grande problema de muitas nações cuja pirâmide tem um grande peso com a população idosa. Não deixaria

de ser uma ótima solução econômica! Resolveria um problema crucial.

Estou com 60 anos e acabo de me aposentar. Estou esperando a orientação e o convite de sair de casa em massa, com um monte de gente mais velha que eu, para ir a um evento de música antiga, lotado, com porteiro idoso nos recebendo, músicos da velha guarda tocando e garçons típicos servindo noite adentro. E alguns jovens convidados, selecionados, por estarem gripados e febris. No dia seguinte, se fecha o atendimento aos maiores de 80 anos. Depois aos maiores de 70 e assim por diante... E o futuro será maravilhoso com os sistemas de previdência equilibrados. Está aí o lado “bom” do coronavírus.

Resumindo meu entendimento: isolamento social é o único remédio. Quebra da economia é um gravíssimo efeito colateral. Efeito colateral pode matar o paciente. Falta do único remédio mata com certeza. Temos que continuar dando o único remédio e tentar controlar o efeito colateral.

E quando?



E quando eu sair de mim e me ver imóvel, inerte, frio, insensível, paralisado, desprovido de emoções ou sentimentos quer sejam de raiva, quer sejam de compaixão? E quando eu começar a resgatar tudo o que aquele corpo fez, de novas vidas a movimentos, viagens, trabalho e diversão? Certamente vou querer virar as costas e esconder essa imagem debaixo da terra ou transformá-la em cinzas. Será o começo ou um fim? Um fim ou um começo? Uma mudança de fase? Ou fechamento de um ciclo? Ou continuidade de um círculo? De novo? Dá até preguiça de pensar, mas uma vontade louca de realizar e... Reviver! Renascer! Refazer! Continuar! Recomeçar! Igual ou diferente? Melhor? Maior? O “quando” supera o “se”! Até quanto podemos garanti-lo ou desejá-lo? Podemos ou devemos? Entre o sim e o não, o infinito se mostra ainda maior.

A Hematologia
não trata de doenças.
Trata de doentes.
E isso nela é o que
mais me fascina!

Cosmética transfusional



O garimpo diário na literatura científica por nós, médicos, à procura de informações, dicas e recursos para melhorar nossos resultados clínicos, muitas vezes nos surpreende e até nos choca. Foi o que aconteceu comigo recentemente ao me deparar com trabalhos científicos sendo usados para respaldar procedimentos de transfusão de plasma, de jovens a pessoas mais velhas, com objetivo de rejuvenescê-las.

Primeiramente eu gostaria de refletir sobre a busca de evidências para justificar procedimentos e agregar o necessário valor para a sua viabilidade. Seria como tentar provar o provável. No antagonismo dessa tendência, a prova negativa de uma obviedade

dade também deveria ter o mesmo esforço em sua determinação. A negação do obviamente negável, ao que estou podendo observar, muitas vezes tem um grau de dificuldade muito maior que a compilação de resultados que eficientemente nos alivia ao utilizarmos procedimentos, drogas, orientações e condutas com a justificativa de sua reprodutibilidade em nossos pacientes.

É provar o provável. É demonstrar o demonstrável. É utilizar o utilizável. É ter o argumento suficiente para acreditar que estamos no caminho certo. Um modo científico de pensar. Mas e negar o inegável? Ou tentar provar sem resultados anteriores convincentes que um procedimento não funciona ou não tem um raciocínio lógico-teórico para sustentá-lo? É nessa lacuna que os argumentos inespecíficos, ou melhor, a carência de contraposição ao aparentemente óbvio, conquista a força necessária para a implantação de técnicas, ações, atitudes e procedimentos com promessas levianas facilmente convincentes que, com o apelo econômico, se tornam instrumentos de marketing e negócios bem-sucedidos.

Por outro lado, também nos assusta inúmeros exemplos de visionários do passado que foram preteridos na época e que, muitos, longo tempo depois de sua morte, foram reconhecidos por suas iniciativas e geraram inconformismo com os que os retraíram, culpando-os pelo atraso de uma necessidade premente e, às vezes, até com consequências trágicas para a humanidade.

A lacuna temporal existente entre a contraprova da falta de resultados ou de reações e efeitos

adversos, muitas vezes potencialmente graves sem a contrapartida do benefício prometido, permite tanto o ganho de seguidores inconscientes que se perpetuam na tendência inicial, inercialmente a continuidade para os mal informados ou excessivamente influenciáveis, assim como o ganho financeiro nesse período finito, mas eficaz. Isso permite o avanço em outra estratégia com o mesmo “modus operandi” como vertente do trajeto inicial ou como experiência para um campo distinto, permitindo sequências de investimentos fugazes, porém perigosamente perpetuáveis.

A transfusão sanguínea é uma prática milenar, antes argumentada por salvar vidas, que se desenvolveu cientificamente tanto em suas indicações específicas em detrimento do geral (salvar vidas) quanto pelo investimento na sua segurança com inegável avanço nesse sentido, mas sem atingir seu grau máximo de isenção de riscos. Não há, no entanto, consenso em sua utilização na prática clínica diária quanto à maioria dos protocolos, da sua real importância em situações intermediárias e as evidências científicas somente conseguem ser consistentemente baseadas em condições extremas de vida/morte ou prevenção/correção de situações fisiológicas causadas tanto por doenças como pelo seu tratamento cada vez mais agressivo e intenso, cirúrgico ou clínico.

Mas, voltando ao apelo econômico e ao mote dessa reflexão, muitas vezes somos impelidos a buscar evidências com ideias já em prática por algum grupo de pessoas, cientistas, médicos e inves-

tidores dos quais tomamos conhecimento na mídia leiga. E aí sentimos a necessidade de provar o provável ou negar o negável ou uma combinação dessas duas dicotomias nem sempre fácil ou possível. Fui instigado a pensar neste assunto baseado em uma recente reportagem feita pela BBC, de dezembro de 2018, cujo título “As polêmicas transfusões de sangue para retardar a velhice que são moda entre milionários nos EUA”. O conteúdo nos remete à pergunta: o sangue dos mais jovens é capaz de rejuvenescer os mais velhos?

Fico pensando em quais repercussões essa ideia poderia causar em pessoas com perfil investidor em busca de inovações e, logicamente, lucro: poderia um jovem congelar seu próprio sangue na juventude e o manter guardado para transfundir em si próprio após décadas a fim de preservar sua juventude? Seria possível criar empresas do tipo “sorveteria de sangue” que pudesse guardar esses produtos de forma qualificada e com caríssimos sistemas de segurança e de controle de qualidade que, obviamente, justificaria os altos preços pagos por quem os utilizasse?

Seria possível uma rede de empresas nacionais e internacionais que pudessem investir em novas tecnologias para estratificar esses produtos doados por pessoas para ações específicas, ou seja, rejuvenescimento de pele, de coração, de músculos etc.? E como seria a legislação pertinente a isso? Como lidaríamos com a segurança da manutenção e transmissão de doenças infecciosas que retornariam ao indivíduo em um sangue estocado por décadas?

Tenho hoje muitos questionamentos para refutar esses procedimentos ou tentar ganhar tempo para que um aprofundamento científico, com argumentos mais consistentes, possa provar sua ineficácia ou ineficiência. Ou – por que não? – até provar que estamos errados e nos culpar por atrasar a evolução, construindo heróis que só serão reconhecidos no futuro.

Outro ponto a questionar seria qual o limite ético de melhorar a normalidade ou algo além da saúde? Prevenção é uma coisa, mas submeter pessoas teoricamente saudáveis a procedimentos de inegável risco para atingir um estado supranormal? A longevidade pode até ser, mas eternidade, bem como a permanência de habilidades características de organismos jovens em corpos envelhecidos, seriam compatíveis com a evolução da nossa espécie?

Meu pai, como meu primeiro e mais eficiente orientador para a vida, constantemente dizia que o grande problema do nosso corpo é que as diversas peças que o compõem têm diferentes prazos de validade. A busca por melhorias deve ser contínua e estimulada, mas devem ser contemplados os dois lados: dos ganhadores e dos necessitados. O benefício deve ser de ambos. O tempo dita as normas e as atitudes pessoais são diferentes quando vem antes ou depois. Em respeito à minha ética pessoal e profissional, digo não à transfusão estética rejuvenescedora! Não à exploração dos menos informados! A ciência e a ética devem andar juntas, de mãos dadas, comprometidas com a seriedade que sustenta sua credibilidade através dos tempos.

Como escreveu Rubem Alves,
não haverá borboletas se a
vida não passar por longas e
silenciosas metamorfoses.

A morte



A morte é uma voz que se cala...
Um movimento que se estanca...
Uma imagem que se apaga...
Um vento que para...
Uma energia que se dissipa...
 Simple? Complexa? Fácil? Difícil?
 Real! Instantânea!
Às vezes anunciada... Demorada...
Certa? Provável? Inequívoca?
Ainda nos causa surpresa...
Ainda nos causa pânico...
Ainda nos causa temor...
Ainda nos causa... Dor!
Poderia ser diferente?

Pode ser diferente?
Diferente de quê?
Aliviante... Aliciante... Aviltante... Soberba!
Assoberbada por nós?
Importante? Desprezível? Distante? Iminente?
Contraditória... Cruel... Insensível... Resolutiva...
Assertiva...
 Invejável! Irrefutável! Irrecusável!
 Recompensável?
 Ah, a Morte... Quem és, afinal?
 Quando? Como? Onde?
 Profícua! Determinada! Calculista!
 Irresponsável... Implacável... Narcisista...
 Masoquista? Sádica? Emblemática?
 Oposta à vida! Só por causa disso não tenho
 nenhum prazer em conhecê-la.

